

PLANO PASTORAL E PALAVRA EVANGELIZADORA DA ARIDEZ ESPIRITUAL DA CULTURA DOMINANTE

Com esta Eucaristia, em plena comunhão com o senhor Arcebispo e em seu nome, abrimos oficialmente o novo ano pastoral nesta nossa Arquidiocese. Conosco está a totalidade da Igreja diocesana, aqui representada nos ministros ordenados e nos fiéis leigos, mormente nos delegados dos movimentos, obras, sectores e estruturas coordenadoras do apostolado organizado. Somos uma porção da Igreja que se dispõem a deixar-se guiar pelo Espírito do Ressuscitado, a formar-se interiormente e a actuar no mundo, não individualisticamente e por sua conta e risco, mas segundo o desígnio de Deus que, ao constituir-nos Povo da Nova Aliança, nos deu, como regra suprema de actuação, aquela espiritualidade de comunhão que se traduz no mesmo sentir e no mesmo actuar: “*Que todos sejam um...*” (Jo 17, 21).

E um plano pastoral insere-se precisamente aqui: neste sentido de pertença a uma mesma família que, não obstante a especificidade dos seus membros, não só se identifica pelo mesmo apelido, mas constrói uma unidade tão forte que até revela os mesmos traços comportamentais, vive na perseguição dos mesmos objectivos e faz seus os êxitos e fracassos dos outros membros.

1. Tema do ano: “Acolher a Palavra com a alegria do Espírito Santo” (1 Ts 1,6)

É aceite por todos que precisamos de enraizar a fé –muitas vezes, meramente de tradição ou sociológica- e de a nutrir com o único substrato que a pode sustentar: a Palavra de Deus, via a percorrer para o Seu conhecimento e acesso. Sem ela, não só a vida religiosa estiola por aridez, como nem sequer se encontram razões para a pertença eclesial e, muito menos, para a aceitação da especificidade do estilo de vida dos seguidores do Mestre. A ponto de o nosso mundo ver esta dimensão moral como rígida e opressiva, quando, na realidade, ela é sensata, alegre e plenamente libertadora.

Consciente disto, esta Arquidiocese decidiu-se “*Tomar conta da Palavra que toma conta de nós*” ao longo deste triénio pastoral que vai de 2008 a 2011. E, neste segundo ano, vai privilegiar o tema da recepção: saber escutar e acolher a Palavra transformadora e reler a Constituição Dogmática “*Dei Verbum*” sobre a revelação divina, extraordinário documento do Vaticano II que nos propõe “*a genuína doutrina sobre a revelação de Deus e sua transmissão, para que o mundo inteiro, ouvindo, acredite na mensagem de salvação, acreditando espere, e esperando ame*” (DV 1).

Gostava que prestássemos atenção a esta muito densa formulação e às consequências para onde aponta.

2. Palavra de Deus e missão eclesial

Em primeiro lugar, fala-se de “*doutrina genuína*”. Filosofias, pontos de vista, análises sociais e ideologias sempre as houve e algumas, que se pretendiam últimas e definitivas, abarcaram uma extensão verdadeiramente assinalável. Mas não é disto que se trata. A “*genuína doutrina*” de que aqui se fala deriva da Palavra de Deus contida na

Sagrada Escritura e transmitida pela Tradição da Igreja, sob a contínua vigilância do Magistério para que nada de espúrio se acrescente, nem “*se perca um só jota ou um só til*” (Mt 5, 18), para o dizer com a conhecida expressão do Senhor Jesus Cristo.

Depois, diz-se que esta Palavra se destina ao “*mundo inteiro*”. É verdade. Nós não somos prosélitos que dominem a vítima pelo cansaço da muita insistência. Mas também não esquecemos que temos mandato divino para ir por todo o mundo e fazer discípulos (cf. Mc 16, 15). Isto é, pertence à essência da fé cristã difundir o conhecimento do Senhor Jesus, “*porque debaixo do céu não existe outro nome pelo qual possamos ser salvos*” (Act 4, 12). Externa e interiormente, lá fora e cá dentro. Este mês de Outubro, dedicado às Missões, ajuda-nos a compreender isto. E a notar a urgência de evangelização de um “*mundo inteiro*” no qual apenas uma em cada cinco pessoas se pode honrar de não se submeter a qualquer senhorio que não seja o do verdadeiro Salvador. Mundo a evangelizar a partir da nossa casa e da nossa porta, pois, nestes países de velha cristandade, o vento da cultura de massas varreu a fé de muitos.

Depois, este número da “*Dei Verbum*” a que me estou a reportar interliga a Palavra de Deus com as virtudes teológicas, único tripé onde pode assentar o equilíbrio da vida crente: para que todo o homem e mulher “*acredite na mensagem de salvação, acreditando espere e esperando ame*”. A fé só nos pode chegar pela escuta desta Palavra. Esta nutre aquela e, simultaneamente, revela a inconsistência de tantas perspectivas que se pretendem verdadeiras fés e até «*pensamento único*». E leva-nos também a sorrir dessa pretensa infalibilidade.

Esta Palavra é, ainda, penhor de esperança e certeza de salvação. Um pensador conhecido dizia que todo o pensamento actual se pretende salvador e que, nos tempos mais recentes, não se tem procurado outra coisa que não seja “*filosofias de salvação*”. Mas isto tem levado, frequentemente, ao logro e ao engano. E também ao mal institucionalizado, à falta de sentido e até ao suicídio. Pelo contrário, a esperança cristã aponta para o horizonte de significação de Deus-Amor e dá sentido a uma existência que sabe que d’Ele vem e para Ele se dirige.

3. Palavra que se faz testemunho

É esta certeza que funda e justifica a moral crente. Não como arbitrariedade, mas consequência lógica de uma fé que se professa. De facto, como sabemos, a cultura dominante tolera a nossa fé e a nossa esperança, particularmente se assumidas em privado e na sacristia. Mas, por vezes, diz-se ofendida com a nossa moral, especialmente quando esta põe a nu a ligeireza de outras perspectivas éticas.

Não é de admirar. Foi assim no tempo de Jesus, como o tinha sido no tempo de Moisés. Disso dão provas as leituras da Missa de hoje. “*No princípio*”, isto é, na mente ordenadora de Deus ou no seu plano para o mundo, estava que o homem desse nome aos animais, assumisse o responsável senhorio organizador das coisas em plena união com todas as pessoas, aí representadas na «mulher», ser da sua natureza ou “*osso dos seus ossos*” (Gn 2, 23). Depois, no decorrer dos tempos, com a especulação mais ou menos sofista, a razão sem a fé e com a “*dureza*” (Mc 10, 5) de um coração que se não deixa transformar, introduzimos do nosso a ponto de substituímos o tal plano de Deus pelo plano dos bem-pensantes. E passamos a justificar tudo o que, antecipadamente, queríamos justificar: “*Olha que até Moisés permitiu que se passasse um certificado de*

repúdio e se abandonasse a mulher” (Mc 10, 4), argumentavam os fariseus. Obviamente, perante esta perspectiva interesseira, o diálogo não é suficiente para se chegar a acordo. Mas ao crente é indicada a via da «*infância espiritual*», como fé/confiança plena nesse plano divino: “*Quem não acolher o Reino de Deus como uma criancinha, não entrará nele*” (Mc 10, 15).

Apelo final

Caros fiéis em Cristo, tendes nas vossas mãos o Plano Pastoral Arquidiocesano para este ano de 2009/2010. Passai-o dos olhos à mente e desta ao coração. Descubri que a Igreja nos chama, hoje, a uma unidade evangelizadora que se traduz numa co-responsabilidade ou em “*caminhos de comunhão*”, como referia o Papa aos bispos portugueses na última visita *ad limina*. E que esta não suporta o isolacionismo, mas reclama uma pastoral integrada e integral. Uma pastoral íntegra, no sentido de não parcelar ou meramente de capelinha –por mais e melhor que se trabalhe– mas de base eclesial, ainda mais urgente neste tempo de globalização. Por algum motivo, na Eucaristia, sacramento da unidade, não expressamos a nossa comunhão eclesial de “*Igreja dispersa por todo o mundo em união*”, por hipótese, com o nosso Pároco ou com o dirigente do Movimento ou Obra de Apostolado, mas “*em união com o nosso Papa e o nosso bispo*” tão concretos que até lhes referimos o nome.

Este tipo de espiritualidade de comunhão coaduna-se perfeitamente com o Ano Sacerdotal que o Papa declarou. Na figura do Santo Cura d’Ars encontramos o fiel crente e o sacerdote zeloso que não segue os caminhos perigosos de um eficientismo pastoral próprio e exclusivista, mas o Pastor que prega o que a Igreja prega, faz o que a Igreja faz e apronta para onde a Igreja aponta. E nisso reside a sua grandeza.

Que, do Céu, ele interceda por nós e pela nossa Arquidiocese para, em nome do Senhor Jesus e sob a guia do nosso Arcebispo, nos dispormos a acolher a Palavra, presença amorosa e salvadora de Deus, em ordem à nossa própria transformação e à do mundo, e a ganharmos coragem de centrar a nossa acção eclesial no Plano Pastoral, base sólida de uma pertença assumida e de um cristianismo fiel.

+ Manuel Linda